



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA  
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA**

**DULCICLEIA SANTOS ANDRADE**

**UM OLHAR GEOGRÁFICO DO ESPAÇO URBANO: A FUNCIONALIDADE  
DA PRAÇA PÚBLICA UBIRATAN DE MORAIS - CAMPINA GRANDE-PB.**

**CAMPINA GRANDE/PB  
NOVEMBRO DE 2011**

**DULCICLEIA SANTOS ANDRADE**

**UM OLHAR GEOGRÁFICO DO ESPAÇO URBANO: A FUNCIONALIDADE  
DA PRAÇA PÚBLICA UBIRATAN DE MORAIS - CAMPINA GRANDE-PB.**

Artigo científico de conclusão de curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do Grau de Licenciado em Geografia.

**Orientador: Dr. Antônio Albuquerque da Costa**

**Campina Grande-PB**

**2011**

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL –  
UEPB

A553o      Andrade, Dulcicleia Santos.

Um olhar geográfico do espaço urbano [manuscrito]: a funcionalidade da praça pública Ubiratan de Moraes – Campina Grande – PB. / Dulcicleia Santos Andrade. – 2011.

41 f.: il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.

“Orientação: Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa, Departamento de Geografia”.

1. Praça pública.      2. Bairro da Liberdade. 3.  
Desenvolvimento Urbano. 4. Sociabilidade. I. Título.

21. ed. CDD 306.481 2

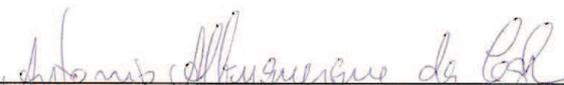
**DULCICLEIA SANTOS ANDRADE**

**UM OLHAR GEOGRÁFICO DO ESPAÇO URBANO: A FUNCIONALIDADE  
DA PRAÇA PÚBLICA UBIRATAN DE MOURAIS - CAMPINA GRANDE-PB.**

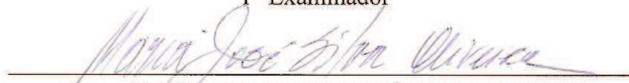
Trabalho de conclusão de curso apresentado ao  
curso de Licenciatura Plena em Geografia da  
Universidade Estadual da Paraíba, como  
requisito para obtenção do Grau de Licenciado  
em Geografia

NOTA: 9,0 (nove)  
Aprovado em 09 de dezembro de 2011.

**BANCA EXAMINADORA**

  
\_\_\_\_\_  
**Prof. Dr. Antônio Albuquerque da Costa**  
Orientador

  
\_\_\_\_\_  
**Prof. Ms. Arthur Tavares Valverde**  
1º Examinador

  
\_\_\_\_\_  
**Prof. Ms. MARIA JOSÉ SILVA OLIVEIRA**  
2º Examinador

# **UM OLHAR GEOGRÁFICO DO ESPAÇO URBANO: A FUNCIONALIDADE DA PRAÇA PÚBLICA UBIRATAN DE MORAIS-CAMPINA GRANDE-PB**

**Dulcicleia Santos Andrade**

Resumo: O trabalho a seguir tem como principal objetivo analisar a funcionalidade da praça pública Ubiratan de Moraes situada no bairro da Liberdade em Campina Grande-PB, bem como identificar as mudanças dos diferentes usos que ocorreram desde os primórdios do referido logradouro. A praça pública inserida no espaço urbano se apresenta com várias funções e até com algumas contra-racionalidades que se expressam em momentos distintos. Dentre as questões mais inquietantes sobre as praças está a perda gradativa de sua principal função, que é a sociabilidade entre as pessoas. A pesquisa adotou como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica e observações in loco do cotidiano dos usuários e os diferentes usos que os mesmos dão a praça. Além do registro fotográfico e depoimentos de moradores do bairro. Num mundo cada vez mais individualizado e consumista na cidade contemporânea a praça ainda representa um referencial para o espaço urbano por permitir a sociabilidade entre as pessoas.

Palavras-chave: Bairro da Liberdade, praça pública, sociabilidade.

## **ABSTRACT**

The following work whose main objective is to analyze the functionality of public square located in the neighborhood Ubiratan de Moraes of Liberdade in Campina Grande-PB as well as identify the changes of different uses that have occurred since the beginnings of that public place. The public square inserted in urban space presents itself with various functions and even with some counter-rationalities that express themselves in different times. Among the more troubling issues about the squares is the gradual loss of its main function, which is the sociality among people. Standardized methodological procedure search the bibliographic search and on-the-spot observations of daily life of the users and the different uses that they give the square. Beyond the photographic record and testimony of residents of the neighborhood. In a world increasingly individualised and consumerist in the city still represents a square contemporary referential to the urban space by allowing the sociality between the people.

Key-words: Neighborhood of Liberdade, public square, sociability.

## 1. INTRODUÇÃO

As praças são espaços públicos livres que têm como principal função realizar a sociabilidade entre as pessoas que vivem nos centros urbanos. Trata-se de um espaço simbólico e cultural de uso coletivo que dá embelezamento paisagístico à cidade, mas que também se apresenta como espaço do lazer e do encontro.

Estes espaços existem há muito tempo, e sempre estiveram presentes na história das cidades. O espaço urbano tido com precursor das praças foi a *ágora* na Grécia. Assim como as cidades que passam por constantes transformações, as praças também sofreram essas mudanças, em que muitas vezes deixando de cumprir seu principal papel, e ganhando outra conotação nos dias de hoje.

As praças são espaços livres, algumas delas são vistos pela maioria da população como espaços abandonados, de mendicância, espaço utilizado como depósito de lixo, ponto de drogas, e até mesmo de prostituição, restando para pequena parcela da sociedade alternativas de lazer, dentre outras atribuições relativas a este setor público que pertence a toda a sociedade.

O objeto de estudo tratado nesta pesquisa é de suma importância, pois as praças públicas são espaços públicos livres que representam a identidade de um povo, que tem como principal função a de reunir pessoas, seja por motivo cultural, econômico, político ou social. A continuação da existência desses espaços e da realização de sua principal função é fundamental para a cidade, por trazerem melhorias no aspecto estéticos e simbólicos da cidade.

Com base no exposto, o estudo em pauta irá apresentar a funcionalidade pretérita e atual da praça pública Ubiratan de Moraes localizada no bairro da Liberdade na zona sul da cidade de Campina Grande-PB, que aos poucos deixa de cumprir seu principal papel que é a de sociabilidade entre as pessoas. Espaço cada vez mais esquecido pela população e autoridade competente. A referida praça foi palco de diversas formas de relacionamentos da população residente no local desde sua construção até os dias atuais. Destacam-se dois momentos importantes, antes e depois da recuperação da estrutura física pela qual passou recentemente. As funcionalidades desses dois momentos é o que também se propõe analisar no presente artigo.

É proposta deste artigo, também identificar quais os agentes que ocasionaram as mudanças deste espaço público livre de uso coletivo; relacionar o nexos da praça Ubiratan de Moraes com as transformações ocorridas na cidade de Campina Grande; analisar a perda da representatividade social da praça, e conseqüentemente a perda do seu valor cultural, e demonstrar a importância da praça dentro do espaço urbano, no que se refere ao seu aspecto simbólico, cultural e social.

A ausência cada vez maior de pessoas nos espaços públicos, ou nas praças está relacionados a alguns fatores, onde podemos destacar o aumento da violência, o enfraquecimento da esfera pública e o próprio descaso do poder público com estes espaços, as modernizações e o advento de novas alternativas de lazer com o alargamento da iniciativa privada no espaço urbano.

Os procedimentos metodológicos usados para atingir os objetivos da pesquisa foram: pesquisa bibliográfica referente a temática e que teve como suporte a Geografia Urbana, a Geografia Cultural e a História; as observações *in loco* do cotidiano da praça, tendo como métodos de abordagem, o dialético e o fenomenológico, fazendo uso da analogia para comparar as praças de hoje com as do passado.

O trabalho está dividido em três itens, onde no primeiro item discute como espaço público se caracteriza na contemporaneidade; o segundo trata da praça pública, seu conceito e origem, e por último aborda-se o bairro da Liberdade destacando-se o uso de seus espaços públicos, o processo de formação do bairro, o perfil socioeconômico da população e a funcionalidade da praça Ubiratan de Moraes.

## **2. O ESPAÇO PÚBLICO NA CONTEMPORANEIDADE**

O espaço público é objeto de interesse não apenas da ciência Geográfica, mas também de outras ciências como a arquitetura, engenharia, dentre outras. Vários são os tipos de espaços públicos que podem ser estudados e exemplificados, dentre eles podemos citar os parques, jardins, vias, e as praças públicas, objeto de estudo desta pesquisa. O espaço público pode desempenhar várias funções, dentre elas podemos destacar, a recreação, “respiro” para o ambiente urbano diversificado, identidades para bairros ou até

mesmo para cidades inteiras, o embelezamento do espaço urbano, possibilidade de interação e convívio social.

Para poder analisar, como o espaço público se caracteriza e qual a sua funcionalidade na cidade contemporânea é importante conceituar o que seja o espaço público, a noção hoje do que vem a ser o espaço público é bastante amplo, isso se deve ao fato de muitas transformações que ocorreram dentro do espaço urbano e das mudanças nas relações sociais, e além disso, demonstrar a importância de se estudar esse tipo de espaço dentro da ótica geográfica.

Como foi dito, a concepção para se definir ou conceituar o espaço público é bastante ampla, de acordo com Gomes (2006) conceituar o espaço público como aquilo que não é privado, ou tomar o espaço público como uma área juridicamente delimitada, e por último defini-lo pela qualidade de livre acesso, não são suficientes para entender a natureza do espaço público.

Para definição e entendimento da natureza do espaço público se faz necessário o apoio de um referencial teórico, do qual a Geografia traz sua contribuição para uma melhor compreensão. É sabido que a Geografia é a ciência que estuda a relação do homem com a natureza, e que o seu objeto de estudo é o espaço, mas não qualquer espaço, o espaço geográfico que é o seu objeto de estudo, espaço este no qual o homem se apropriou, modificou, criando nesses espaços relações sociais, formando uma configuração espacial, que se perpetua através da reprodução social. Assim nos fala Costa (2010, p. 30):

Um dos princípios que fundamentam a Geografia desde sua origem como ciência independente tem sido a relação sociedade/natureza. Relação esta que define a produção/reprodução espacial e permite a cada sociedade deixar suas marcas, que são perceptíveis pelas formas impressas na paisagem, as quais não se resumem apenas e simplesmente às formas, pois traz implícito o modo como a sociedade pensa e age sobre o espaço.

Sendo assim, a noção de espaço público, como resultado das relações sociais e se tornar uma categoria de análise geográfica dever ser entendida e analisada a partir, não só da configuração espacial, mas também social, assim nos fala Gomes (2006, p.172) :

um olhar geográfico sobre o espaço público deve considerar, por um lado, sua configuração física e, por outro, o tipo de práticas e dinâmicas sociais que aí se desenvolvem. Ele passa então a ser visto como um conjunto indissociável das formas com as práticas sociais.

Assim como o espaço geográfico, o espaço público possui seus sistemas de objetos e ações, é seguindo esta racionalidade que se deve pensar o espaço público para que a Geografia possa dar sua contribuição. Desta forma, Santos, (1979 p. 51) define que: “O espaço é formado por um conjunto indissociável, solitário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”.

Seguindo esse raciocínio é importante destacar que para Gomes (2006) os atributos de um espaço público tem relação direta com a vida pública. Para Habermas( apud Gomes, 2006 ), o espaço público é o lugar do discurso político. Ou seja, na cidade e na sociedade contemporânea há o enfraquecimento da esfera pública em função dos interesses do capitalismo global, o qual está interessado em apenas formar pessoas que pratiquem o consumo exacerbado e que deixem de lado o exercício da cidadania.

Ainda de acordo com Gomes ( 2006), um dos maiores problemas de nossa sociedade foi o de haver transformado o público em passivos espectadores. Isso significa que a “massa” não reage criticamente diante da ação demagógica dos governantes e da mídia, estão completamente parasitados pelo corporativismo e pela propaganda, esse comportamento da sociedade acaba por refletir no espaço público que deixa de representar o espaço do discurso político e da participação ativa dos cidadãos.

Outro atributo importante referente ao espaço público está ligado a acessibilidade, para que este espaço possa ter o qualificativo de público ele deve ser acessível a todos, que seja de livre acesso e comum a todos, e que essa apropriação do espaço pode ser não apenas física , mas também simbólica. Assim afirma Serpa ( 2009, p.16 ) :

Pois, acessibilidade não é somente física mas também simbólica, e a apropriação social dos espaços públicos urbanos tem implicações que ultrapassam o design físico de ruas, praças, parques, largos, jardins, shopping centers, e prédios públicos. Se for certo que o adjetivo público diz respeito a uma acessibilidade generalizada e irrestrita, um espaço acessível a todos deve significar por outro lado, algo mais do que o simples acesso físico a espaços “abertos” de uso coletivo.

O espaço público seja ele uma praça, um parque, uma rua, um jardim, dentre outros, sua possibilidade de acesso não está relacionado apenas ao aspecto físico, mas também simbólico, ele pode representar aos seus usuários todo um conjunto de simbolismo, identificação, representação, que ultrapassam os limites físicos, e pode transparecer imagens, sensações e “sentimentos” que podem estar presente em toda uma coletividade ou

individualmente de acordo com a percepção de cada um, é preciso olhar e perceber estes espaços além do visível.

O espaço público está inserido no espaço urbano, sendo assim os processos e transformações que ocorrem na cidade irá “atingir” de alguma forma o espaço público, seguindo este pensamento é importante que se estude este espaço levando em consideração o contexto urbano o qual está inserido. Sendo assim, é observável a perda gradativa cada vez maior do espaço público dentro do espaço urbano, espaços estes destinados ao convívio social, ao lazer e encontros, problema este observado há décadas nas cidades, assim nos fala Ferreira, ( 2002, p,3):

Essa problemática urbana vem se acirrando há varias décadas, em função da depreciação acelerada desses ambientes, ditos “comum a todos”, acompanhada da respectiva perda de sua função, ou inversão de funções, em consequência do processo de “esvaziamento do homem público”, e do correspondente alargamento da esfera privada no meio urbano, acarretando um incentivo à busca cada vez mais acentuada de espaços privados de consumo, lazer, cultura, prática esportiva, como também respaldando o significativo avanço da iniciativa privada nas (re)adequações das formas espaciais públicas e sua respectiva “gestão”.

O espaço público se apresenta hoje em sua grande maioria nos grandes centros urbano ligados a interesses da iniciativa privada, na qual interferem neste espaço, diretamente ou indiretamente em diferentes situações seja se apropriando, seja para valorização e especulação imobiliária, os espaços públicos em geral são elementos de valorização do espaço urbano na cidade contemporânea.

### **3. PRAÇA: ORIGEM E CONCEITO**

A condição em que se encontram hoje algumas praças públicas em situação de total abandono e descaso não é uma realidade apenas das praças do bairro da Liberdade, mas também de muitas em todo o Brasil. Esse tipo de espaço público vem sofrendo constantes modificações não apenas estruturais mas principalmente funcionais. Para poder entender se realmente as praças públicas estão passando por transformações principalmente no que

diz respeito a sua funcionalidade é preciso conceituar o que seja a praça pública e conhecer e entender a sua verdadeira função.

A praça pública é o espaço público livre de uso coletivo que tem como principal função realizar a sociabilidade entre as pessoas. Espaço este que possa ser acessível a todos, pois um determinado espaço só pode ser considerado público quando existe a possibilidade da acessibilidade. Ela tem a função de reunir pessoas, seja por motivos político, econômico, cultural ou social, onde as pessoas desenvolvem as suas identidades por este motivo a praça pública é tão importante no cotidiano de uma cidade . Santos (2008, p.17) afirma que:

Microcosmos da vida urbana, as praças oferecem excitação e descanso, comércio e cerimônias públicas, um lugar para encontrar amigos e para ver o mundo passar, exprime-se bem o caráter das praças quando a tomamos por um lugar que propicia tanto ver como ser visto, tanto passear quanto fazer política, bem como comprar e fazer negócios.

Todas as cidades dispõem de lugares públicos excepcionais que correspondem a imagem da cidade e de sua sociabilidade (GOMES, 2006, p.164). Sendo assim esses espaços públicos deveria continuar a representar o seu valor simbólico, cultural, assim como era no seus primórdios, mas o que se vê é que esses locais encontram-se em total abandono, esquecidas pelos que habitam próximos desses espaços e pelas autoridades competentes. As praças tornaram-se locais de mendicância, ponto de drogas, prostituição, depósito de lixo, tornando a paisagem dentro do espaço urbano vista de forma negativa, caracterizando e construindo a imagem da cidade pelo o que se vê. Angelis Neto ( 2000 p.1) nos fala que :

A praça, desde muito (ágora e fórum romano), fora concebida como espaço social por excelência, onde comumente desfilava o cotidiano das pessoas. Era local de encontros, de tomadas de decisões de interesse da comunidade, de espetáculos, execuções, officio religioso, comércio, festas, enfim, a vida da cidade tinha, necessariamente, que passar por ela.

As praças públicas são espaços frequentados por uma parcela mínima da população quando encontrada em tais situações de abandono, é lógico que ambientes como estes sem nenhuma preservação irá causar repúdio dos que residem próximos desses locais e os mesmos irão se afastar como é o caso das praças do bairro da Liberdade.

Sabe-se que o espaço público da praça está inserido dentro do espaço urbano ou propriamente da cidade, no entanto, as cidades ao longo do tempo passaram por constantes transformações em sua estrutura, conteúdo, forma, relações sociais, enfim, o mesmo ocorreu com as praças públicas, pois as mesmas são espaços interligados, o que ocorre na cidade irá também refletir nas praças públicas. Assim nos fala Coulanges (1975) *apud* Caldeira, (2007, p.13) :

A beleza de uma praça é constituída a partir da história que ela carrega, de seu desenho paisagístico e de seu conjunto urbanístico. A integração entre morfologia, estética e apropriação é que permite a formação de praças, como espaços simbólicos, lugares de memória, alma da cidade. Na Antiguidade as cidades se formavam a partir dos seus espaços de convivência. Pertencer à cidade, ser cidadão, era habitar os lugares de reunião, era compartilhar o culto, participar das assembleias, assistir às festas, acompanhar as procissões, vivenciar os espaços, participando da vida pública. A praça simbolizava a própria cidade, pois era nesse espaço que as atividades cotidianas se desenvolviam.

Fatores que ocasionaram o “afastamento” de pessoas dos espaços público, fazendo com que as mesmas não desenvolvam nesse ambiente as suas identidades e manifestações socioculturais, está relacionado não apenas ao descaso de autoridades competentes ou do poder público com estes espaços não realizando nenhum tipo de intervenção ou melhoria como reforma, manutenção ou inserção de atrativos para atrair as pessoas. Mas também da pouca participação de toda a sociedade com a vida pública, com as instituições públicas.

A expressividade do privado sobre o público criou-se a ideia de que aquilo que é público não tem nenhum tipo de valor ou não funciona corretamente, situação esta que veio a refletir nos espaços públicos dentro espaço urbano, com o consequente esvaziamento desses espaços. Afirma Gomes (2006), que a sociedade hoje se comporta de maneira passiva, incapaz de reagir criticamente, prisioneira a uma cotidianidade niveladora, situação esta imposta pela ação demagógica dos governantes e da mídia criticamente dócil e pela passividade da “massa”. O espaço público assim como a praça pública é o local da ação política, por isso é necessário retomar este espaço como lugar de uma participação ativa de toda a sociedade.

Um outro fator importante que ocasionou a perda da representatividade social nos espaços público, está ligada a individualização da sociedade causada pela atual fase do capitalismo, ou seja, o processo de globalização . Assim nos fala Angelis (2005) *apud* Carbonera e Chies (2009, p.4):

A partir do momento em que as estruturas logísticas dos mercados, a troca de informação e a própria informatização, aliados ao processo de globalização [...] distanciaram-se da dimensão comunitária da coletividade, e se aproximaram do privado na sua dimensão familiar, se não, ao seu isolamento individual.

Bauman (2003, p.59) relata que:

No mundo acolchoado, maleável e informe da elite global dos negócios e da indústria cultural, em que tudo pode ser feito e refeito e nada vira sólido, não há lugar para realidades obstinadas e duras como a pobreza, nem para a indignidade de ser deixado para trás, nem tampouco para a humilhação que representa a incapacidade de participar do jogo do consumo.

Todo esse processo de transformações na esfera social, política e econômica intensifica-se a partir do advento da Revolução Industrial, ocasionando mudanças nos hábitos, usos, costume, lazer, todo o cotidiano da humanidade. As pessoas não tem mais o tempo tão disponível para o lazer, para o convívio social, hoje se necessita dedicar muito mais tempo ao trabalho. Com a era da revolução tecnológica surge o confinamento dos indivíduos e da sociabilidade, e diversas formas de se extrair do espaço público, com o uso de aparelhos celulares, fones de ouvido, computadores, o encontro de pessoas tornaram-se virtuais, o dialogo por telefone, o contato direto entre as pessoas nos grandes centros urbanos em espaços públicos é cada vez menos comum “não há tempo” para nada na correria do dia dia, levando pessoas ao confinamento, ao isolamento individual, ao consumismo exacerbado, não se vive o coletivo, esses são algumas das consequências do mundo moderno. Assim afirma Costa (2010 p. 39):

[...] o advento da televisão, do vídeo, do DVD, da internet e da facilidade na aquisição de automóveis. Foram inovações que possibilitaram às pessoas a diversão sem sair de casa; ou no caso do automóvel, uma maior fluidez através das ruas e avenidas, sem que houvesse a utilização das calçadas e o contato com outras pessoas.

Com a modernização das cidades e todas as transformações ocorridas nesses espaços, surgem espaços de grande maioria privados, como bares, restaurantes, e principalmente os grandes shoppings centers, espaços estes que se tornaram símbolos de poder e modernidade nos grandes centros urbanos, mas que possuem “certa acessibilidade” pois nesses espaços ocorrem segregação socioespacial, lugar este que predomina o consumismo, para muitos exibir seus status, e os espaços públicos como praças deixaram de ser lugares frequentados por muitas famílias, que preferem ir a shoppings como em outros lugares, por lhe darem a sensação de “segurança”, conforto,

sentimentos estes que não encontram mais nas praças, tornando-se espaços abandonados ou pouco frequentado, representando apenas um espaço a mais na cidade. Segundo Angelis (2000) *apud* ANGELIS e ANGELIS NETO(2000 p.1) :

Com o advento de formas alternativas de lazer e novos locais para estabelecimento do comércio, associados ao descaso persistente do poder público frente à manutenção das praças essas passaram a constituir-se em um fragmento a mais dentro da malha urbana.

O espaço público, assim como a praças públicas tem que ganhar configuração de acordo com o “ritmo” da cidade, esses espaços tem que se adequar a realidade do cotidiano da cidade, atender as necessidades da população, para que assim esses lugares possam voltar a ter a representatividade social e cultural, e assim tornarem-se locais de convívio social por excelência.

#### **4. O BAIRRO DA LIBERDADE E O USO DE SEUS ESPAÇOS PÚBLICOS**

Para poder entender o processo e formação do bairro da Liberdade se faz necessário relembrar um pouco da História da cidade de Campina Grande-PB, no qual ocasionou o surgimento do bairro, pois o processo de formação do bairro está ligado com o processo e formação da cidade, portanto o recorte temporal necessário para o caso em estudo se dará no momento da chegada do trem a cidade em 1907.

É sabido que a cidade de Campina Grande sempre se destacou no setor econômico, político, desde o seus primórdios, principalmente após a chegada do trem, objeto simbólico de poder e modernidade que veio “transportado” de simbologia e conflito de interesses políticos. Com este acontecimento Campina Grande começa a se transformar tanto fisicamente quanto economicamente, assim nos fala Saraiva (2009, p.26):

Com a chegada do trem em 1907 a configuração espacial da cidade começa a se transformar. Novos bairros surgem, novas atividades florescem e aquele ponto do mapa entre o litoral e o sertão se torna um espaço de atração, a partir da ação de atores políticos produtores de espaço para desenvolver a cidade, fazendo-se presente no cotidiano de todos os cidadãos, direta ou indiretamente.

A chegada do trem à cidade de Campina Grande foi um marco para o seu desenvolvimento econômico, crescimento urbano e populacional. Ainda de acordo com Câmara (1998) *apud* Saraiva (2009 p.30):

Surgem na cidade colégios, cinemas, clubes dançantes, armazéns de mercadorias em trânsito de estivas por atacado e de algodão em pluma; carroças de bois para transporte urbano de mercadorias, etc... A municipalidade arranjou uns postes de iluminação elétrica nas principais ruas e o professor Clementino Procópio instalou diversos telefones de veio.

E Saraiva (2009, p.30) continua:

Apesar de todas essas mudanças e dinâmica que a cidade conheceu, alguns problemas como a diferenciada infra-estrutura básica de luz, água e esgotos, ainda se fizeram presentes por longos tempos e heterogeneamente pelos espaços da cidade, além das condições de vida da população que não absorveu da mesma forma todo esse “progresso”.

Além da chegada do trem a Campina Grande que impulsionou a economia local juntamente com a abertura de rodagem de estradas e o uso generalizado do transporte rodoviário a qual permitiu a ligação entre os espaços, e ampliando sua zona de influência, outro momento importante na economia campinense foi comércio do algodão que se desenvolveu na cidade, o chamado “ouro branco” a partir do qual começa o processo de formação do bairro da Liberdade.

A cidade de Campina Grande-PB se destacou na exportação de algodão tanto a nível regional, nacional e internacional, de acordo com Saraiva (2009 p.32): “após a chegada do trem, Campina tomou para si o posto de polo cotonicultor brasileiro e um dos maiores do mundo”. A partir da década de 1910 a cidade começa a se estruturar como empório comercial do algodão, atraindo a grande maioria de fibras produzida no interior do estado da Paraíba e com outros estados a qual o estado faz fronteira.

Durante esse período ocorreu a instalação de diversas empresas na cidade de Campina Grande, responsáveis pelo beneficiamento, armazenamento e exportação, graças a política de incentivos fiscais adotada pelo governo da época na figura de Argemiro de Figueiredo, sobre esse período Aranha (1993) apud Saraiva (2009, p. 33) explica:

O negócio algodoeiro, a partir dos meados da década de 1930, passa a ser monopolizado por algumas poderosas empresas com enorme disponibilidade de capital, sufocando e /ou levando a falência os pequenos empreendimentos, que durante várias décadas haviam lidado com as atividades de compra, beneficiamento e revenda do algodão, não esquecendo de mencionar o desestímulo causado por esse monopólio aos pequenos produtores rurais. [...] De fato, a partir

de 1935 praticamente desaparecem os pequenos empreendimentos relacionados ao negócio algodoeiro. A SANBRA, a Anderson Clayton e as grandes firmas paraibanas e/ou campinenses abarcaram a maior parte do algodão produzido no Estado.

Com a instalação dessas empresas como a SANBRA, a Anderson e Clayton e outras, no espaço campinense a configuração da cidade começa a se modificar de forma mais rápida e intensa, fazendo surgir zonas industriais e com isso a população campinense dos bairros se organiza mediante as atividades de seu trabalho e também pela especulação imobiliária a qual crescia na cidade. Sobre esse assunto Cardoso (1963) descreve que nas décadas de 1940 a 1960 houve a formação das zonas industriais como também a organização dos trabalhadores em bairros próximo a estas zonas industriais:

Os bairros apresentavam algumas vezes, uma concentração maior desta ou daquela atividade, servindo essa diferença de funções para bem caracterizá-los. Atualmente observa-se em Campina Grande uma acentuada tendência à formação de duas zonas industriais: ao sul do açude Bodocongó, ou seja, a noroeste da cidade, surge uma zona de indústrias de couro, óleos vegetais, papel, pré-moldados, tecidos, no setor sudeste, próximo ao açude velho e à estação da estrada de ferro, aparecem estabelecimentos maiores como a SANBRA, a Anderson e Clayton, Rique e outras. A oeste da cidade pode-se observar, ainda, uma pequena concentração de estabelecimento industriais e espalhadas por toda a cidade, é interessante observa-se que há um adensamento de operários por tipo de indústria em determinados bairros. Assim, por exemplo, os que trabalham nos curtumes residem, de preferencia, em Bodocongó e os das indústrias de beneficiamento de algodão e sisal em José Pinheiro e Liberdade.( CARDOSO, 1963, p.7).

O surgimento do bairro da Liberdade está relacionado a esse momento histórico da cidade de Campina Grande à formação de zonas industriais, a instalação da empresa SANBRA ( Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro/AS ) filial da empresa Argentina Bunge y Born foi significativo no seu processo de formação. A vinda da empresa para a cidade ocorreu no ano de 1935 graças ao incentivo fiscal e pelos demais atributos que a cidade possuía, ela era uma firma especializada em produtos como o agave, óleo e artigos comestíveis, além de trabalhar com o próprio algodão. (Ver figuras, 01,02, e 03 ).



Figura 01: Empresa SANBRA em 1957 Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com/2009/11/sanbra.html>

A instalação da empresa na cidade, gerou desenvolvimento local, pois próximo à indústria foram criados vários comércios de vários produtos, gerando riqueza para uma cidade que não parava de crescer. O local era uma verdadeira cidade, gerando vários empregos diretos e indiretos. No perímetro espacial da empresa acelerou-se uma concentração populacional dos seus funcionários, constituindo o início do núcleo habitacional que viria a formar o atual bairro da Liberdade. O historiador Gervásio Batista Aranha em reportagem ao jornal Diário da Borborema descreve:

[...] que ao chegar aqui, a Sanbra representou um marco na vida econômica da cidade. A Sanbra investiu não só no setor de comercialização do algodão, mas no setor de transformação trabalhando com a fabricação de óleo de caroço de algodão e pasta para gado. Ela não era apenas um depósito. Era uma grande empresa que ofereceu muitos empregos. De todas as Sanbras da rede distribuída por todo Nordeste, a maior era a de Campina Grande. (Fonte: [http://www.diariodaborborema.com.br/2009/10/11/economia4\\_0.php](http://www.diariodaborborema.com.br/2009/10/11/economia4_0.php))



Figura 02: Fábrica de óleos da SANBRA em 1957 lolizava-se na av. Assis Chateaubriand.

Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com/2009/11/sanbra.html>



Figura 03: SANBRA antiga escritório e depósito em 1957 , atual Hiper Bompreço na rua

Almeida Barreto. Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com/2009/11/sanbra.html>

Atualmente a referida empresa a SANBRA encontra-se desativada e durante muitos anos ela ficou totalmente abandonada, ela representava as “rugosidades” como se refere Milton Santos, apenas um espaço e imagem de glorioso progresso no passado de Campina Grande. Sabe-se que o período denominado de “Ouro Branco” teve seu declínio devido à vários fatores, dentre eles econômico, político, ambiental, sobre essa fato histórico o Sr. Jobedis Magno de Brito relata em forma de comentário a uma reportagem sobre a SANBRA:

No ciclo do algodão Campina Grande era aquela cidade que tinha uma economia que crescia de maneira espantosa, tanto no setor agrícola, de manufatura, como comercial. Com isto, surgiram as primeiras fábricas de beneficiamento de algodão e depois de sisal. Surgiram a SANBRA, a ANDERSON CLAYTON, Zé Marques de Almeida, e outras empresas que tinham a finalidade de beneficiar produtos da terra para uso doméstico e até mesmo exportar. Inegavelmente esses produtos que eram produzidos em grande escala, elevaram a cidade ao contexto internacional, Campina Grande foi considerada uma das maiores exportadoras de algodão do mundo só perdendo para Liverpool, trazendo ao município grandes somas de divisas, chegando a ser a maior renda do Estado da Paraíba. As crises financeiras que maltrataram o país na época afetaram o município campinense de maneira violenta e sem cura a curto ou médio prazos e justamente foram estas crises que fecharam muitas casas comerciais da cidade. Um outro fator da decadência comercial, foi o arrocho fiscal aos comerciantes, que aconteceu na década de sessenta fechou diversas casas de alto porte, gerando muito desemprego na cidade. Hoje a Sanbra faz parte do passado. (Fonte: <http://cgretalhos.blogspot.com/2009/11/sanbra.html> )

E sobre a situação em que se encontrou durante muitos anos a antiga empresa a SANBRA, relata o jornalista Severino Lopes:

o prédio da Sanbra em ruínas esconde um passado glorioso. Depredado e enfeando a cidade, ele já foi símbolo de poder e de prosperidade tendo se instalado aqui na época em que Campina Grande era um império do algodão. Quem passa por ele todos os dias na Avenida Assis Chateaubriand, na Liberdade, e conhece um pouco da importância histórica e cultural da empresa não se conforma. As paredes sujas e depredadas, o mato alto que o cobre e o teto com estrutura velha comprometem a história de um período próspero que reinava na Serra da Borborema. ( Fonte: [http://www.diariodaborborema.com.br/2009/10/11/economia4\\_0.php](http://www.diariodaborborema.com.br/2009/10/11/economia4_0.php))



Figura 04: antiga empresa SANBRA em ruínas até o ano de 2009. Hoje nesse mesmo local encontra-se a empresa |Atacadão Rio do Peixe e também uma pequena extensão da empresa Vitamilho. Fonte: ([http://www.diariodaborborema.com.br/2009/10/11/economia4\\_0.php](http://www.diariodaborborema.com.br/2009/10/11/economia4_0.php))

As imagens acima mostram a situação na qual se encontrou durante muitos anos a antiga empresa SANBRA, totalmente abandonada, em ruínas, o local na época se tornou



Saúde). Essa pesquisa foi realizada por uma amostra estratificada de 20% de 1500 famílias cadastradas que correspondem a 300 famílias (300 residências) ao todo. O bairro da Liberdade possui aproximadamente 17.000 pessoas, com sua maioria composta por mulheres, fato esse evidente em todas as faixas etárias. Em relação ao aspecto demográfico observa-se que a população de idosos é superior a de crianças e jovens. Os gráficos abaixo mostram esses dados em porcentagem.

Tabela 01: Número de crianças menores de 12 anos por residência

Número de crianças menores de 12 anos por residência	Frequência (fi)	%	% Total da população
1	74	67,8	11,3
2	25	22,9	
3	09	8,4	
4	01	0,9	
Total	109	100	100

Fonte: Pesquisa direta, 2009.

A tabela 01 refere-se a quantidade de crianças até 12 anos por residência, 67,8% apresenta 01 criança por residência no total de 109 residências das 300 pesquisada. Em porcentagem 11,3% corresponde a população total.

Tabela 02: População Jovem (13-21) residente no total dos 300 domicílios

Faixa Etária	Sexo	Frequência (fi)	% por faixa etária e sexo	% Total da população
13-21	F	85	60	15,44
13-21	M	64	40	15,44
Total		149	100	100

Fonte: Pesquisa direta, 2009.

Tabela 03: População adulta (22-59) residente no total dos 300 domicílios.

Faixa Etária	Sexo	Frequência (fi)	% por faixa etária e sexo	% Total da população
22-59	F	286	54	54,61
22-89	M	241	46	54,61
Total		527	100	100

Fonte: : Pesquisa direta, 2009.

Tabela 04: População da terceira idade ( a partir dos 60 em diante) no total dos 300 domicílios.

Faixa etária	Sexo	Frequência (fi)	% por faixa etária	% Total da população
60	F	122	70	18,65
60	M	58	30	
Total		180	100	

Fonte, : Pesquisa direta 2009.

A população jovem (13-21) corresponde a 15,44% do total da população estudada. A população adulta corresponde 54,61% do total da população, e a população idosa corresponde a 18,65% do total da população sendo superior a de crianças e jovens, esse dado revela um aspecto geral que caracteriza o perfil da população brasileira onde o aumento da expectativa de vida do brasileiro aumentou nos últimos anos.

Em relação a renda mensal familiar, o gráfico apresenta que 76,40% do total da população estudada corresponde as famílias que ganham acima do salário mínimo, 19,60% recebem apenas um salário mínimo e apenas 0,60% recebem abaixo do salário mínimo. Ver gráfico abaixo:

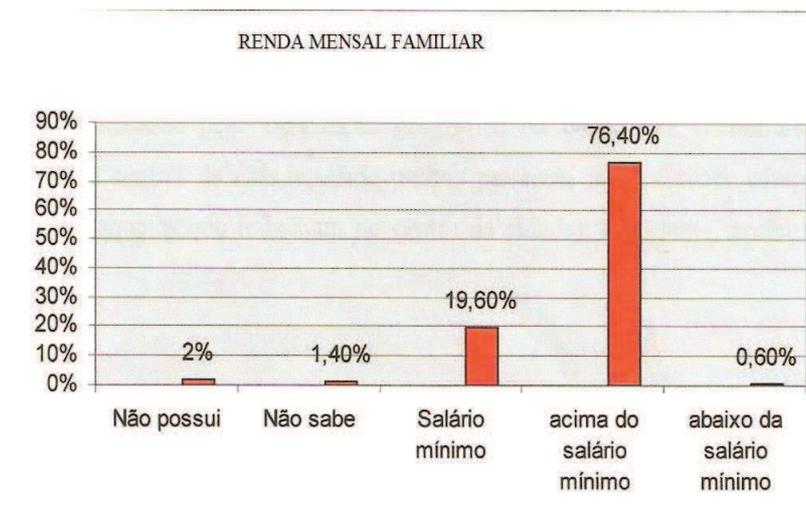


Gráfico 01: Renda Mensal Familiar Fonte : Pesquisa direta 2009

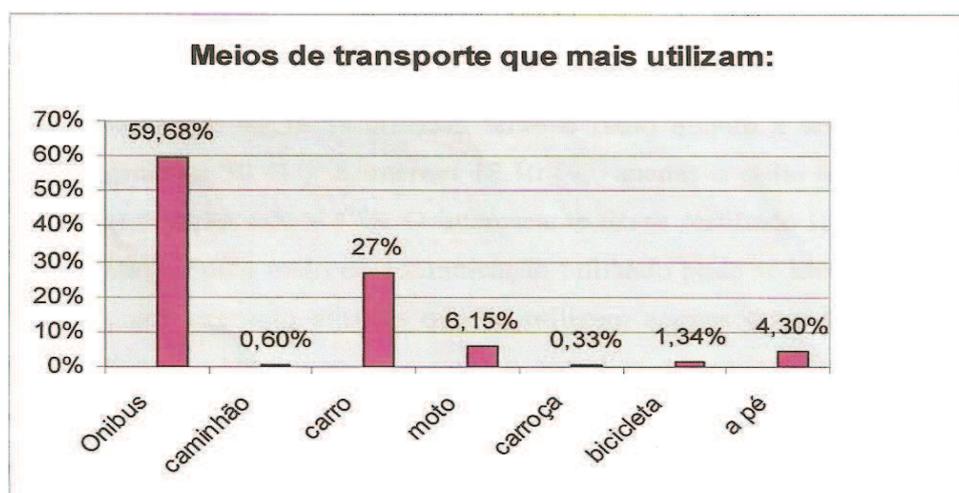


Gráfico 02: Meios de transporte que mais utilizam

Fonte: : Pesquisa direta , 2009

O resultado do gráfico 02 demonstra que a grande maioria da população depende do transporte público para se locomover, pois 59,68% dos moradores utilizam o ônibus no seu dia dia, aqueles que utilizam o carro como transporte representa 27%, aquele que utilizam moto corresponde a 6,15%, aqueles que só se locomovem a pé corresponde a 4,30% da população, este último percentual justifica-se pela localização geográfica do bairro, que encontra-se bem próximo a área central da cidade, onde muitos preferem ir a pé fazer compras ou trabalhar ( para aqueles que trabalham no centro da cidade), e portanto, preferem não pagar condução.

### Meios de comunicação que mais utilizam

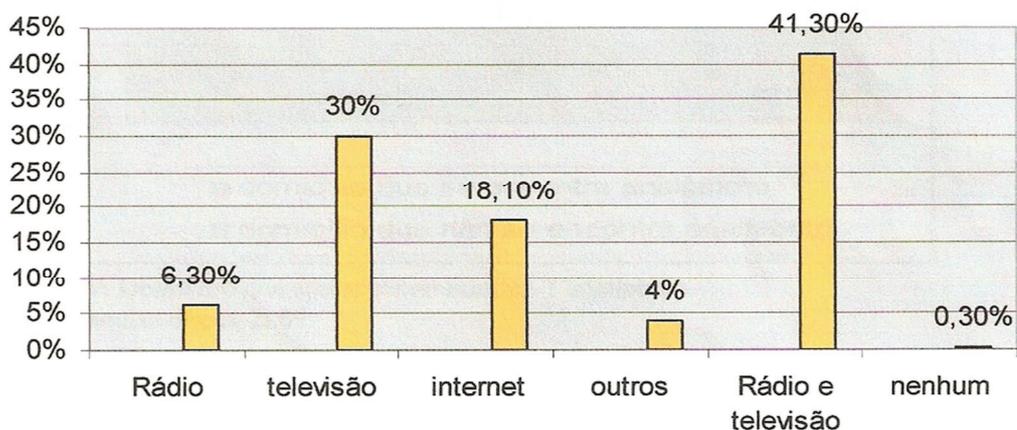


Gráfico 03: Meios de comunicação que mais utilizam

Fonte: : Pesquisa direta , 2009

Em relação aos meios de comunicação os quais a população mais utilizam, identifica-se que 41,30% utilizam tanto o rádio quanto a televisão, apenas televisão corresponde a 30%, a internet 18,10%, apenas o rádio 6,30%, outros (revistas, jornais) corresponde a 4%. O interessante desse resultado (fatos observados durante a pesquisa) é que o meio de comunicação utilizado pode se identificar com um tipo de público, por exemplo aqueles que se utilizam apenas do rádio para receber informação geralmente são idosos que moram sozinhos e acordam cedo, a internet é outro exemplo, está presente no domicílio onde há a presença de jovens que necessitam da internet para se comunicar, receber informações e realizar pesquisas.

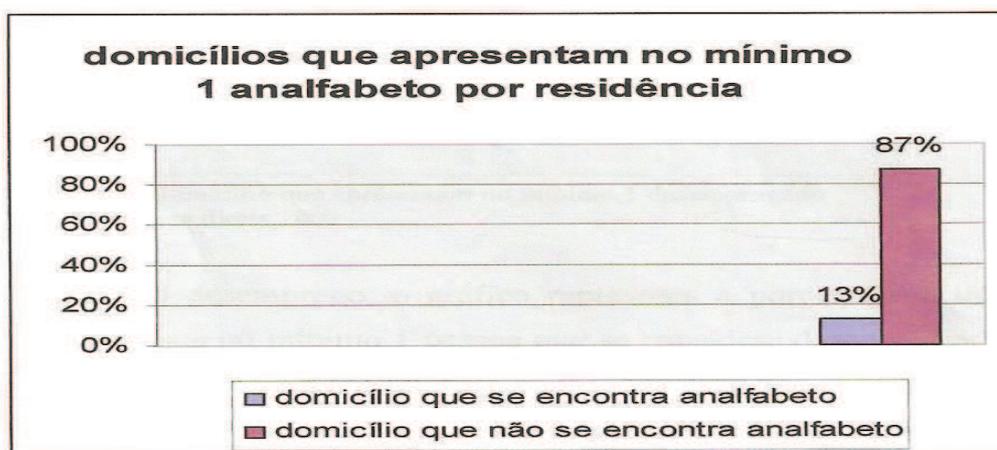


Gráfico 04: domicílios que apresentam no mínimo 1 analfabeto por residência

Fonte: : Pesquisa direta, 2009.

O resultado do gráfico 04 apresenta que a maior parcela da população não apresenta analfabetos (no presente estudo considero ser analfabeto o indivíduo que não sabe ler e escrever) que corresponde a 87% dos domicílios ( no total de 300, 261 não apresentam analfabetos), e 13% dos domicílios que corresponde a 39 residências, apresenta no mínimo 1 analfabeto por domicílio. Um detalhe interessante é que a maioria dos analfabetos (13%) são pessoas acima dos 60 anos sendo que o sexo feminino corresponde a 45% e o sexo masculino 20%, dos 21 ao 59 anos ambos os sexos corresponde a 15% cada um, dos 13 aos 21 anos do sexo masculino corresponde a 5%.



Gráfico 05: Domicílios que apresentam no mínimo 1 desempregado

Fonte: : Pesquisa direta , 2009.

No aspecto desemprego, o gráfico 05 representa a porcentagem de domicílio que possua no mínimo 1 pessoas que se considere desempregada, onde 77% (230) dos domicílios não apresentam pessoas que estão sem emprego, e 23% das residências (70) apresenta no mínimo 1 pessoa desempregada. Dos quais desses 23% que se consideram sem emprego, representam pessoas maior de 21 anos e do sexo feminino 54%, e 46% corresponde a pessoas do sexo masculino maior de 21 anos.



Gráfico 06: Domicílio que apresenta no mínimo 1 desempregado

Fonte: : Pesquisa direta, 2009.

Percebe-se que em relação a participação da população em grupos comunitários é muito pequena, a grande maioria 68,30% das residências não participam de nenhum tipo de grupo (os moradores), o grupo religioso corresponde a 23,50% das residências que no mínimo 1 pessoas participe, as associações apenas 5,60% e outros (grupos da terceira idade) corresponde a 2,30%. Observa-se que a participação dos moradores nos grupos como o clube de mães e associação de moradores do bairro é muito pequena em relação ao seu tamanho e por ser um bairro populoso, a população não se caracteriza pelas lutas e movimentos sociais intensos, para exigir melhor assistência dos órgãos públicos, isto ocorre também por questões partidárias.

O referido bairro é um local que possui considerável atividade econômica e comercial, onde há presença de escolas públicas e particulares, creche, centro de saúde, clínica médica, mercado público, bares, vários supermercados, farmácias, lojas de roupas, calçados e móveis, lanchonetes, restaurantes, posto de gasolina, fábrica, casa lotérica, dentre outras atividades, a rua Odom Bezerra, uma das principais ruas do bairro é conhecida pela grande atividade gastronômica, muito frequentada pela sociedade campinense.

O bairro da Liberdade, como já foi dito, possui uma população e extensão física considerável, sendo perceptível há carência de espaços públicos (há pouca opção ou quase nenhuma), espaços abertos destinados ao lazer e convívio social por excelência destinado a todos os moradores e aos demais. As únicas duas praças ( que apresenta

todo um conjunto que lhe dê o qualificativo de praça), e os dois “canteiros” existentes no bairro, para a grande maioria da população é como se eles não existissem.

Para exemplificar tal realidade se compararmos uma cena típica de domingo a tarde no bairro, um dos bares do bairro mais movimentado e frequentado por pessoas de diversos locais, fica lotado chegando a ultrapassar seu limite físico invadindo calçadas e rua impedindo a passagem de pedestres e veículos (aliás essa é uma prática recorrente no bairro não só este bar mas também outros), uma verdadeira desordem, além disso tornando o local público em local privado. Enquanto isso as praças ficam praticamente vazias, frequentados por algumas pessoas que ainda “resistem” as diversas formas de “lazer” de iniciativa privada. Sobre essa condição a qual o homem se comporta no espaço público na cidade contemporânea, Gomes (2006) nos fala: “A dimensão do homem público se estreita, restringindo-se à de um mero passante ou no máximo se limitando à de um eventual consumidor”.

A partir desta informação é importante que nos façamos uma pergunta, porque o ambiente praça aberto a todos que não se precisa pagar para entrar, onde podem ser desenvolvidas diversas atividades, onde todos podem expressar seus sentimentos e identidades mesmo que simbolicamente, vão deixando de ser alternativas de lazer e de convívio social? É importante que se deixe claro que esta realidade de abandono ou “esquecimento” não é uma fato geral, mas sim local, o cenário de uma praça e sua funcionalidade irá depender de diversos fatores, são eles políticos, econômico, social, cultural, ambiental, físico, enfim, todo um conjunto está associado a representatividade social ou não da praça para um bairro ou cidade. Assim afirma Jacob (2009 p.98): “Em certos aspectos de seu desempenho, todo parque urbano é um caso particular e desafia as generalizações”.

Como já foi dito as praças do bairro da Liberdade em Campina grande-PB são “esquecidas” pela grande maioria dos que residem no local, não só pelos moradores, mas também pelo poder público. Geralmente praças localizadas em bairros não recebem o devido tratamento e cuidado, diferente das áreas centrais, de acordo com Angelis (2005 apud Carbonera e Chies. 2009, p.7): “as praças localizadas no centro costumam receber maiores e melhores tratos, enquanto que as periféricas são relegadas, se não ao abandono completo, a um estado de penúria”.

Recentemente uma de suas praças, a Ubiratan de Moraes localizada na rua Odon Bezerra teve sua estrutura física recuperada, em momento anterior, durante muito tempo as praças públicas do bairro da Liberdade permaneceram totalmente esquecidas pelas autoridades competentes. Essa mesma praça hoje recuperada foi tema várias vezes abordado por diversos veículos da imprensa, como por exemplo, o jornal Diário da Borborema, reportagem intitulada: “Praça perde a beleza com ação de vândalos”, e continua “Construída no coração do bairro da Liberdade, local está em total estado de abandono”, reportagem de Severino Lopes ( disponível em [www.diariodaborborema.com.br/2009/06/01/cotidiano2\\_0.php](http://www.diariodaborborema.com.br/2009/06/01/cotidiano2_0.php) ).

No mês de abril de 2011 durante o período da pesquisa, a praça Ubiratan de Moraes foi cercada para a realização de uma “reforma” a obra durou aproximadamente três meses e no mês de julho ela foi , “reinaugurada”. É perceptível que desde o ano passado, muitas praças estão sendo “reformadas” na cidade de Campina Grande, principalmente em torno do centro da cidade e bairros próximos, não só praças mas também outros tipos de espaço público como é o caso do açude velho, diante deste fato é importante que se faça uma observação e reflexão, porque estes espaços permaneceram durante tanto tempo abandonados por parte do poder público, e só agora estão sendo lembrados?

É possível que esse tipo de intervenção nesses espaços não esteja apenas ligado para trazer “benefícios” para a população que ali reside, mas por trás desse fato pode se tratar de um “jogo” de interesses políticos, já que esse tipo de ação de obras e reformas são estratégias de marketing para obtenção de voto eleitoral, momento este sentido e vivenciado em nossa cidade. Serpa (2009. p.54) “[...] a concepção e implantação de novos parques públicos, [...] estão sempre subordinados a diretrizes políticas e ideológicas. Na cidade contemporânea o parque público é um meio de controle social.” Sendo assim esse pensamento de Serpa em relação aos parques públicos podem também ser aplicados a praças públicas. E Saraiva continua ( 2009, p.28): “São vários os atos ou obras realizadas “para o povo” e que acabam se transformando em “marca registrada” ou com imagem intimamente associada àquele que realizou tal feito”. Tanto este fato é verdade que na reinauguração da praça a placa recolocada leva o nome e o ano apenas da atual gestão não se fazendo referencia ao gestor da época que construiu a praça.

Durante o período da pesquisa, constatou-se que a recuperação da estrutura física da praça Ubiratan de Moraes só foi concretizada, graças a atuação do orçamento participativo da cidade de Campina Grande. A iniciativa e proposta partiu primeiramente de uma moradora do bairro e representante ou trabalhadora na época do orçamento participativo juntamente com outras moradoras que fazem parte do clube de mães, o processo ocorreu da seguinte forma: durante o ano de 2010 o OP se fez presente no bairro convocando os moradores a votarem nas prioridades que fizessem parte do orçamento de 2011 e que fossem realizados no local. Chegaram-se a um consenso que as prioridades seriam cinco tópicos, as reformas das duas praças, a reforma do canteiro, a construção de uma unidade de saúde e implantação de um PSF ( Programa Saúde da Família) e a pavimentação e esgotamento de uma rua. Foram mais de 500 votos .

Até o presente momento a única prioridade votada que foi concretizada foi a recuperação da estrutura física da Praça Ubiratan de Moraes, a praça Evanílson Menezes e o canteiro ainda não foram reformados e nem as duas outras prioridades também não foram concretizados, é importante que se ressalte que essas prioridades foram inclusas no orçamento da prefeitura de Campina Grande para 2011.

#### 4.1 A praça Ubiratan de Moraes

A praça Ubiratan de Moraes localiza-se no bairro da Liberdade num entroncamento com a rua Odom Bezerra, Gilberto Pereira e Santa Catarina, ela foi construída na década de 1980 com o objetivo de se tornar área de lazer para a população do bairro na gestão do prefeito Ronaldo Cunha Lima.



Figura 06: Localização da praça Ubiratan de Moraes Fonte: Google Earth, adaptado pela autora, 2011.

A construção da praça no bairro, foi um momento de muita alegria e festividade para os moradores do local, o popular Evaldo Brito de 42 anos morador da rua Odom Bezerra relata esse momento vivido na época: “Foi uma festa muito bonita, nunca esqueci”.(Fonte: disponível em [www.diariodaborborema.com.br/2009/06/01/cotidiano2\\_0.php](http://www.diariodaborborema.com.br/2009/06/01/cotidiano2_0.php) ). Segundo o mesmo, viveu parte de sua vida na praça , desde sua juventude frequenta o local, ele ainda relata que muitos estabelecimentos comerciais surgiram em torno dela, a praça era o cartão postal da Liberdade e ponto de encontro de famílias inteira, principalmente de jovens.

Na mesma reportagem o comerciante Ornilo de Sá da Silva, de 42 anos, morador da rua Pará, há 15 anos ele tem um ponto na praça, aliás, foi de lá que tirou o sustento para criar a família. Com certa nostalgia ele relembra da praça no passado quando as famílias se juntavam no fim do dia para conversar, ele relata: “Era um local bem de passear, muito gente se reunia aqui toda noite”. Como se vê a praça possuía uma grande representatividade social para os moradores, mas que com o passar dos anos o cenário ou a paisagem foi se modificando. Como diz Jacob (2009,p.97): “Os parques são locais efêmeros. Costumam experimentar extremos de popularidade e impopularidade”.

As transformações ocorridas na Praça Ubiratan de Moraes mudando o cenário ou a imagem desde seus primórdios foram ocasionados tanto pela ação do tempo, como também pela forma de seu uso, pela dinâmica socioespacial e pelas mudanças nas relações sociais. Nos últimos vinte anos ocorreram muitas mudanças no cenário urbano campinense, não poderia ser diferente também no bairro da Liberdade.

Segundo os moradores do bairro entrevistados pelo jornal Diário da Borborema, o abandono e a ausência de pessoas na praça se deve ao fato do estado de má conservação. É sabido que esse aspecto é muito importante para sua vitalidade, é claro que locais sujos, fisicamente danificados irão causar para alguns repúdio, mas apenas esse fator não justifica a imagem de praças vazias, é comum vermos praças bem cuidadas, mas sem nenhum “tipo de vida”. Além de a praça sofrer com a ação do tempo e ainda o seu mau uso por parte de algumas pessoas ela sempre tem que está em constante manutenção, e não reformando a cada vinte anos, então o poder público não deve fugir de suas obrigações e a população também tem que fazer a sua parte.

Como foi dito a cidade de Campina grande passou por diversas modificações nos últimos vinte anos, que conseqüentemente irá refletir nos bairros, sendo assim uma

dessas mudanças foi o aumento da violência e sua institucionalização, segundo Costa (2010, p.25): “[...] a institucionalização da violência e do medo só se efetivou nos anos de 1990”. A violência é um dos fatores para o esvaziamento de espaços públicos, e também das praças, as pessoas não se sentem seguras em locais públicos que normalmente são frequentados por todos, as pessoas preferem estar em lugares fechados, privativos, seletivos, monitorados e vigiados por que lhe dão maior sensação de “segurança”. Por exemplo as praças públicas foram substituídas pelas praças de alimentação de shopping center, é comum vermos famílias e jovens nesses locais. E sobre esse assunto Costa (2010, p.26) afirma que :

Uma das mudanças mais perceptíveis, a partir da década citada, diz respeito ao espaço público da cidade que se restringe e sofre o abandono das camadas médias da sociedade campinense, fato que atribuímos a toda uma psicofera produzida que é individualista e excludente, mas que também é reforçada pela história local na (re)produção de uma sociedade classista, oligarca e discriminatória.

E Costa continua:

Entendíamos ainda que a montagem de um meio técnico-científico-informacional passou a ter forte influência nas novas maneiras de as pessoas se relacionarem e até mesmo de abandonarem a esfera pública, visto que essa tecnosfera possibilita às pessoas consumirem, relacionarem-se e até se divertirem sem precisar sair de casa (COSTA, 2010, p. 26)

Para analisar, descrever e identificar como ocorre a funcionalidade ou refuncionalidade deste espaço e como a população do bairro utiliza esse espaço, é preciso destacar dois momentos: antes da recuperação de sua estrutura física e após, para se saber se ocorreram mudanças após a “reforma” da praça.

A princípio se faz necessário descrever a estrutura física da praça e as relações sociais existentes nesse espaço, antes de destacar se esse tipo de intervenção por parte da gestão pública modificou o “olhar” dos moradores para com o local estudado.

É preciso destacar que durante o momento da pesquisa a autora deste trabalho foi surpreendida ao saber que um de seus objetos de estudo iria passar por uma “reforma”, não dando tempo de fazer registros fotográficos detalhados que pudessem dar uma melhor contribuição para o trabalho, mas mesmo assim teve-se tempo para registrar a

praça antes que ela fosse cercada em sua totalidade, que será de fundamental importância para o estudo a seguir.

A imagem a seguir mostra como era a praça antes da recuperação da estrutura física:



Fotografia 01: A praça antes da “reforma” no mês de abril de 2011. Fonte: Dulcicleia Santos Andrade 2011.

A praça realmente apresentava sua estrutura física bastante deteriorada, havia a presença de poucos bancos, em relação ao aspecto arbóreo além das árvores antigas, inexistia um ajardinamento, a grama era bastante “pobre” sem nenhum tipo de cuidado e sem vida, na maior parte do tempo no local havia a presença do lixo próximo a parada de ônibus (lixo este que era depositado pelos próprios moradores do bairro principalmente nos dias de coleta pública, ao invés dos moradores deixarem o lixo em frente de suas casas os deixavam em frente a praça), havia a presença de um fiteiro (pequeno estabelecimento comercial) que segundo alguns moradores estava no local desde há muitos anos, neste pequeno comércio tinha a venda de jornais, pipocas, balas, enfim, produtos vendidos e consumidos por aqueles que frequentam a praça.

Era perceptível que com a presença do fiteiro existia certo movimento no local, próximo a ele havia sempre a presença de jovens adultos todos do sexo masculino (jovens estes que não eram vistos com “bons olhos” por alguns moradores), logo em frente era comum vermos a existência de uma “mesinha” (montados pelos próprios frequentadores) utilizada como apoio para jogar dominó, cartas, dama, enfim, onde alguns traziam até banquinhos de casa, o grupo que realizava esses

encontros não eram os jovens adultos, e sim homens de certa idade e também alguns mototaxistas que ficavam no local e também idosos que frequentam a praça.

No local havia pouca ou quase nenhuma presença de crianças pequenas acompanhada por suas mães, o mesmo acontece com os adolescentes. As pessoas ficavam sentadas nos canteiros observando o vai e vem de pessoas e carros, outras esperando o ônibus na parada que fica na praça. Essas eram cenas vistas e vividas pelos moradores da respectiva localidade antes de sua reforma. A seguir segue-se algumas imagens da praça antes de sua reforma (02,03,04,05,06,07):



Fotografia 02: Conjunto imobiliário da praça no mês de abril de 2011. Fonte: Dulcicleia Santos Andrade, 2011.



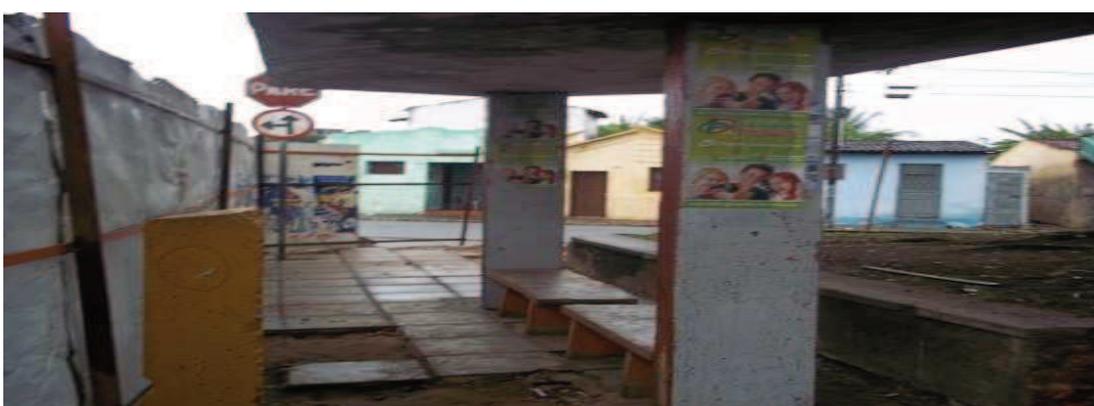
Fotografia 03: escada presente na praça antes da reforma no mês de abril de 2011. Fonte: Dulcicleia Santos Andrade, 2011



Fotografia 04: banco presente na parte superior da praça no mês de abril de 2011. Fonte: Dulcicleia Santos Andrade, 2011



Fotografia 05: o chão da parte superior da praça. Fonte: Dulcicleia Santos Andrade, abril de 2011.



Fotografia 06: parada de ônibus ao lado da praça, fazendo parte do cotidiano da praça. Fonte: Dulcicleia Santos Andrade, abril de 2011.



Fotografia 07: pouca presença de grama. Fonte: Dulcicleia Santos Andrade, 2011

Por que só esta praça foi reformada e os outros espaços públicos existentes no bairro não? Entende-se que esta praça encontra-se num local de grande visibilidade do bairro nas suas principais ruas de grande atividade econômica e gastronômica, visitada por pessoas que vem de outros locais, onde há a presença de um grande fluxo de veículos, onde a praça encontra-se em ruas pavimentadas que fazem a ligação com grandes avenidas como a Avenida Assis Chateaubriand e a Almirante Barroso. Era bastante visível que como aquele local poderia se encontrar em tais condições causando um impacto negativo ao aspecto paisagístico da cidade e do bairro, além do que uma reforma neste local já havia sendo cobrado há muito tempo pelos moradores e comerciantes do bairro.

Após a recuperação da estrutura física da praça Ubiratan de Moraes o cotidiano do local sofre algumas mudanças não só físico mas também na formas de seu uso por parte dos moradores. O que causou maior impacto foi a retirada do fiteiro que trabalhava na praça há mais de quinze anos fazendo parte da história do local. Aquela imagem que se tinha de jovens (vistos com “maus olhos”) próximo ao pequeno estabelecimento “jogando conversa fora” e aquela mesinha montada na praça para jogar dominó também não se vê mais. Mas outros “personagens” surgem no cotidiano da praça como a presença de algumas mulheres acompanhadas de seus filhos, alguns idosos, mulheres jovens, adolescentes que agora se utilizam o espaço para realizar atividade cultural. As fotografias ( 08,09,10,11,12,13 e 14) a seguir mostra como está a praça atualmente, após a reforma:



Fotografia 08: Placa da Praça Ubiratan de Moraes. Fonte: Dulcicleia Santos Andrade, julho de 2011.

A placa hoje está presente no local, mas antes de sua reforma há muito tempo havia se perdido, nota-se que a mesma não traz nenhuma informação de seu passado, como o ano que foi construída e por qual gestão na época.



Fotografia 09: Praça Ubiratan de Moraes, após “reforma” em julho de 2011. Fonte: Dulcicleia Santos Andrade 2011.

As cenas das fotos 08 a 13, foi registrada no final da tarde de sábado. Percebe-se que o espaço no citado momento há a presença de alguns moradores, como idosos sentados observando o fluxo de carros e pessoas, um grupo de jovens tocando tambores acompanhados provavelmente por um professor, a presença dos mesmos realizando atividade cultural não era vista antes da praça ser “reformada”. Há também agora a presença de uma espécie de “banquinha” com venda de panfletos de jogos da sorte.

Algumas modificações na estrutura física também se fazem presente como a rampas para portadores de deficiência, inclusive nessa cena há a presença de uma “cadeirante”, novas iluminarias, agora a grama está presente.



Fotografia 10 : Vista lateral da praça. Fonte: Fonte Dulcicleia Santos Andrade, 2011



Fotografia 11: Vista da praça e o ponto de ônibus. Fonte: Dulcicleia Santos Andrade, 2011

Outro aspecto importante que é preciso destacar era a presença do lixo que a praça tinha antes da recuperação da estrutura física, hoje a praça encontra-se sempre limpa e as pessoas não tem mais o hábito de jogar o lixo em frente da mesma, exatamente na “esquina” próximo a parada de ônibus, esse costume dos moradores enfeava bastante a praça . Após a reforma essa cena de lixo em frente a praça desapareceu completamente, a conscientização de cuidar desse local, preservar se faz presente entre os moradores, o

tratamento que davam a praça antes era como a “enxergavam” de forma negativa, antes esquecida pelo poder público, sem nenhum tipo de melhoria, muitos dos moradores a tratavam “como lixo”. O “sentimento” dos moradores pela praça se modificou com a intervenção da recuperação da estrutura física a princípio da iniciativa de alguns moradores, e posteriormente da gestão pública.



Fotografias 12 e 13: moradores do bairro e o lixo depositado em frente a praça antes de sua reforma.  
Fonte: Dulcicleia Santos Andrade, 2011.



Fotografia 14 : Atividade cultural na praça. Fonte: Dulcicleia Santos Andrade, 2011.

A reforma da estrutura física da praça pública Ubiratan de Moraes e a intervenção do poder público sobre a mesma, resultou em aspectos positivos e mudanças no comportamento dos moradores do bairro com o tratamento dado ao espaço praça, e fizeram surgir novos “personagens” presente no cotidiano do lugar que não era visto antes de sua reforma. Mas isso não é o suficiente para a praça voltar a ter toda a representatividade social e simbólica que possuía como em seus primórdios, a praça

Ubiratan de Moraes continua a ser frequentada por poucos usuários e os mesmos são moradores de menor poder aquisitivo do bairro.

Outros tipos de intervenção são necessários para a praça voltar a ter toda vitalidade e ser espaço da ação política, da vida pública, do discurso político e exercer a sua principal função não só a sociabilidade e espaço de lazer, mas a participação popular com a esfera pública. Segundo Queiroga ( 2003, p.1 ) defende que:

A praça contemporânea, quando marcada por um design fundamentado na visualidade da paisagem, nem sempre é capaz de estabelecer-se como lugar, de convívio na esfera de vida pública, da ação comunicativa, da vida activa, na acepção harendtiana. A importação desta ou daquela linguagem arquitetônica se coloca com menor relevância para o “sucesso ou fracasso” do design da praça diante do público. A questão central para o projeto da praça se remete menos à visualidade da paisagem e mais à visibilidade dos lugares. Há de se considerar que cada praça de uma cidade guarda singularidades histórico-culturais para a população que a frequenta. Nesse processo, criam-se identidades entre o usuário e o espaço público que irão desencadear no efetivo uso desse espaço por aquela população. Dessa forma, em qualquer intervenção feita nos equipamentos públicos, cujo uso seja da população em geral, é importante que se consulte os moradores da localidade.

Outro aspecto importante que é preciso ressaltar é a intervenção por parte da gestão pública nos espaços das praças sem antes consultar os moradores e seus usuários, que pode resultar no fracasso ou sucesso no resultado final desta intervenção, a consulta popular é muito importante para a vitalidade de uma praça, na grande maioria dos casos, esse tipo de ação não tem os anseios e desejos de seus usuários.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O espaço urbano ou a cidade dispõe de lugares excepcionais e essenciais para vitalidade e sociabilidade, lugares como o espaço público, mas especificamente as praças públicas. As praças são locais que representam a imagem da cidade ou de um bairro, onde ocorre a cotidianidade, onde também se desenvolvem as relações sociais, ela é muito mais que conteúdo e forma, ela representa a história e simbologia.

Apesar da perda gradativa da esfera pública no espaço urbano, devido o avanço do setor privado e do enfraquecimento sobre a mesma, o espaço público, especificamente as praças públicas tornaram-se locais esquecidos pela grande maioria

da população, como é o caso da praça Ubiratan de Moraes. No princípio a praça possuía grande representatividade social para os moradores do bairro, sendo o espaço primordial para o encontro e convívio social de muitas famílias.

A praça Ubiratan de Moraes modifica sua configuração com o passar dos anos. Tornando-se espaço pouco freqüentado, já não é mais local de encontros de famílias como antigamente, ainda há algumas pessoas que “resistem” e que ainda freqüentam o local mesmo em estado de total abandono (antes de sua reforma), essa situação ocorreu devido a muitos fatores, dentre eles podemos destacar o aumento da violência, a questão da falta segurança é presente em espaços públicos, modificando os hábitos e costumes da população que preferem freqüentar espaços mais “seguros” e o descaso do poder público.

Após a reforma de sua estrutura física e a retirada de alguns elementos (por exemplo a retirada do fiteiro), transforma o cenário ou imagem da praça e a forma como muitos a “enxergavam” e novos perfis de usuários “surgem” ou “ressurgem”, a praça aos poucos vai voltando a exercer sua real função que é a de sociabilidade e espaço de “lazer”, mas apenas esse tipo de intervenção não é o suficiente para que a mesma volte a ser espaço de encontro de famílias e jovens e que atinja a todas as camadas sociais do bairro como era antigamente.

Para que o poder público realize qualquer tipo de intervenção no espaço público é necessário que consulte a população e atenda as suas reais necessidades, no bairro da Liberdade há uma carência de espaço público destinado ao lazer de suas crianças, por exemplo, na reforma da estrutura física da praça Ubiratam de Moraes não foi colocado nenhum atrativo para esse tipo de usuário, sendo queixa de algumas mães consultadas sobre a “reforma” da mesma.

Apesar de todas as transformações sociais e econômicas na cidade contemporânea, as praças públicas e seus poucos freqüentadores ainda “resistem” a todas as diversidades, tornando locais de grande valor histórico, simbólico e cultural. É importante manter esses locais preservados e realizar intervenções tanto por parte do poder público, civil, e porque não do setor privado para atrair as pessoas a freqüentar a praça, por esses locais representar um lugar de convívio social por excelência, conviver com o outro é tão significativo num mundo cada vez mais individualista e consumista.

## REFERÊNCIAS .

ANGELIS, Bruno Luiz Domingo; ANGELIS NETO, Generoso. **Os elementos de desenho das praças de Maringá - PR.** Acta Scientiarum, V. 22 (5), p. 1445- 1454, 2000. Disponível em:<<http://periodicos.uem.br/ajr/index.php//Actascitech/ol/article/view/3103/2230>> Acesso em : 25/09/2011.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade:** a busca por segurança no mundo atual. Tradução, Plínio Dentizen – Rio de Janeiro: Jorge Zahor. Ed. 2003.

CALDEIRA, Júnia Marques. **A Praça Brasileira, trajetória de um espaço urbano:** origem e modernidade. Tese (Doutorado em História), 2007, 432 p. Departamento de História, Universidade Estadual de Campinas.

CARBONERA, Sandra Yokoo e CHIES, Cláudia. **O papel das praças públicas:** estudo de caso da Praça Raposo Tavares na cidade de Maringá, 2009. Disponível em:<[http://WWW.fecilcam.br/nupem/anais\\_iv\\_epet/PDF/cienciasevalor/12\\_yokoo\\_CHIES.pdf](http://WWW.fecilcam.br/nupem/anais_iv_epet/PDF/cienciasevalor/12_yokoo_CHIES.pdf)> Acesso em: 27/10/2011.

CARDOSO, Maria Francisca T.C. **Campina Grande e sua função como Capital Regional.** Revista Brasileira de Geografia, out. dez, 7963, p. 415-451.

COSTA, Antônia Albuquerque. **A cidade em fragmentos: uma análise das metamorfoses espaciais em Campina Grande - PB no período de 1990 a 2010.** 336p. Tese (Doutorado em Geografia) Centro de filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco.

FERREIRA, Willian Rodrigues. **O espaço público nas áreas centrais:** área como referência - um estudo de caso em Uberlândia – MG. 2002, 319p. (Doutorado em Geografia) Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo.

GOMES, Marcos Antonio Silvestre. **De largo a jardim:** Praças públicas no Brasil – Algumas aproximações. Estudos Geográficos, Rio Claro, 2007. Disponível em: <<http://cecemca.rc.unesp.br/ojs/index.php./ert.geo>>. Acesso em: 30/09/2011.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **A condição urbana: ensaios de Geopolítica da cidade.** 2º Ed. – Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

JACOB, Janes. **Morte e Vida de grandes cidades.** Tradução Carlos S. Mendes Rosa. 2º Ed – São Paulo. Editora WMF Martins Fontes, 2009

QUEIROGA, Eugênio Fernandes. **Notas sobre algumas “Praças” contemporâneas: O design na paisagem.** Paisagem em Debate. Revista eletrônica da área Paisagem e Ambiente, FAV. USP – n01; dezembro 2003.

SANTOS, Luís Ivon Rocha dos. **Proposta de um modelo conceitual-teórico para a manutenção de Praças Públicas no município de Vitória-ES: estudo de caso,** 2008, 113 p. Dissertação (Mestrado)- Centro tecnológico. Universidade Federal do Espírito Santo.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 2º edição, São Paulo. Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

SARAIVA, Luiz Arthur Pereira. **As dinâmicas socioespaciais no bairro da Estação Velha, Campina Grande-PB.** (Trabalho acadêmico orientado). Curso de Licenciatura Plena em Geografia. Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande-PB, 2009, 135p.

SERPA, Angelo. **O espaço público da Cidade Contemporânea.** 1 ed. São Paulo. Contexto, 2009.

SEFERINO, Lopes. Reportagem sobre A SANBRA. Disponível em : < ([http://www.diariodaborborema.com.br/2009/10/11/economia4\\_0.php](http://www.diariodaborborema.com.br/2009/10/11/economia4_0.php). > Acesso em : 20 /11/2011.

\_\_\_\_\_. Reportagem sobre a praça da Liberdade. Disponível em: <[www.diariodaborborema.com.br/2009/06/01/cotidiano2\\_0.php](http://www.diariodaborborema.com.br/2009/06/01/cotidiano2_0.php) >. Acesso em : 20/11/2011.